

Educação é o maior desafio para Ceilândia

FOTOS: JOSEMAR GONÇALVES

Aos 34 anos, cidade conta com 57,8% dos jovens que não estudam

NELZA CRISTINA

A cidade com maior número de habitantes do Distrito Federal, Ceilândia completa 34 anos hoje com um desafio – reverter as estatísticas atuais que apontam que 57,8% da população com idade entre 15 e 24 anos não estuda. São 41,9 mil jovens que estão fora da escola. Em todo DF, o percentual é de 47% e em Taguatinga, a segunda maior cidade da capital, de 44,3%.

A Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD), da Secretaria de Planejamento, referente a 2004, mostra, ainda, que em Ceilândia 23,1% dos moradores têm Ensino Médio completo, 10% o Ensino Fundamental e 1,9% concluíram curso superior. Nestes casos, os percentuais são superiores aos indicadores de todo o DF.

Muitos jovens deixam as salas de aula para trabalhar e reforçar a renda familiar. Para incentivar a continuidade dos estudos, a Administração Regional de Ceilândia lançou, no segundo semestre do ano passado, o Programa Estágio Cidadão. O objetivo é formar um banco de dados de alunos da cidade que possam trabalhar em empresas locais. Com isso, eles terão uma renda e a obrigatoriedade de continuar

estudando para mantê-la.

O administrador Rogério Rosso destaca que a cidade tem uma boa rede de ensinos Fundamental e Médio. A deficiência, em sua opinião, está na falta de mais opções para o Ensino Superior. Atualmente, a cidade tem duas faculdades, mas outras duas instituições já demonstraram interesse em se fixar por lá. Além disso, a Universidade de Brasília deverá instalar um campus avançado em Ceilândia.

TRANSPORTE – Rosso admite que este é um desafio, mas acredita que a conclusão da primeira etapa do metrô, em junho, e de toda a linha em Ceilândia, até o final do ano, irá facilitar o deslocamento dos jovens para estudar em cidades próximas, onde existam mais opções de faculdades.

O comerciante Lourival Gonçalves Nascimento, 40 anos, chegou em Ceilândia com 18 anos. Precisando trabalhar e tendo vindo de uma cidade do interior do Tocantins, não teve oportunidade de voltar a estudar. Concluiu apenas a 4ª série do Ensino Fundamental. Mesmo assim, conseguiu se estabelecer na cidade. Possui hoje uma loja de venda de veículos e uma linha de lotação.

Casado com uma baiana, pai de três filhos com idade entre 11 e 15 anos, Nascimento

faz questão que todos estudem. "A escola lá em casa é prioridade", afirma. Ele conta que a filha mais velha, Naiara, já falou em trabalhar, mas a ideia foi logo vetada pelos pais.

TRABALHO – Nascimento, assim como a maioria dos trabalhadores da cidade (37 mil), atua no comércio. Quando se trata de trabalho e rendimento, em

Ceilândia, somente a atividade na administração pública chega perto do comércio, que emprega 15 mil pessoas.

Como ele, muitos ganham a vida com o próprio negócio ou trabalhando para os outros. Quem consegue uma posição melhor, em geral, incentiva os filhos a estudar. É o caso de Nilo Braz Sousa, 78 anos, que veio para Brasília em janeiro

de 1961, apenas para conhecer, mas acabou se estabelecendo na cidade. "Deixei uma roça plantada de arroz e ia voltar para colher, mas acabei ficando", conta ele, que mora em Ceilândia há quase 30 anos.

Hoje, com um patrimônio formado (tem uma banca de tabacaria na Feira da Ceilândia e outras duas em Taguatinga) tem orgulho de contar

que dois filhos já estão formados na faculdade e a terceira está perto disso. A expectativa é que possam relatar mais tarde, uma história parecida com a sua, de conquistas na cidade. Natural do Piauí, ele não pensa em voltar: "Cheguei com um saco no ombro. Para voltar ia precisar de, pelo menos, dois caminhões para levar o que tenho hoje".



O piauiense Nilo Braz Sousa, que vive há 30 anos em Ceilândia, se orgulha ao contar que os filhos são formados na faculdade